



A MONITORIA COMO ESPAÇO DE ENSINAR E APRENDER NA UNIVERSIDADE: A CONSTRUÇÃO DO MANUAL DO MONITOR

Maria Cristina Kessler - mkessler@unisinis.br
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Ensino Propulsor
Avenida Unisinis, 950
93022-000 – São Leopoldo – RS

Jefferson Mittmann- mittmann.voy@terra.com.br
Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS
Av. Unisinis, 950
93022-000 – São Leopoldo – RS

***Resumo:** O texto relata a forma como é compreendida e desenvolvida a monitoria no Ensino Propulsor, um programa institucional da Universidade do Vale do Rio dos Sinos-UNISINOS, voltado à melhoria da aprendizagem dos acadêmicos e, conseqüentemente, à minimização dos índices de repetência e evasão nesta universidade. Relata, também, resultados preliminares de um estudo investigativo, de cunho quali-quantitativo, que busca, a partir de diferentes olhares, construir um manual de orientações que possa não somente auxiliar o trabalho dos monitores como também qualificá-lo.*

Palavras-chave: monitoria, aprendizagem, repetência, evasão.

1. INTRODUÇÃO

A evasão no ensino superior tem sido amplamente estudada nos últimos anos. Algumas causas evidenciadas fogem do controle das instituições de ensino, porém, no que se refere aos repetidos insucessos relacionados à aprendizagem, ações podem ser propostas. A repetência continuada determina a retenção, compreendida como desaceleração do fluxo curricular do acadêmico. Evidencia-se, assim, uma relação importante entre retenção e evasão, na medida em que alunos retidos, em algum momento podem evadir-se. Estudos revelam, também, que o fenômeno da evasão ocorre de forma mais expressiva nos dois primeiros anos de curso, fato geralmente associado à base frágil dos alunos que ingressam no ensino superior nas disciplinas básicas, situação diretamente relacionada às inúmeras dificuldades que a escola atravessa.



A Unisinos entende que ao receber os alunos por ela selecionados, assume com estes alunos um compromisso com sua formação, o que implica em uma busca constante de alternativas educacionais ajustadas às aspirações e aos estilos de aprendizagem desses alunos.

Nessa perspectiva insere-se o Ensino Propulsor, um programa institucional que visa à melhoria da aprendizagem dos acadêmicos da Unisinos e, conseqüentemente, a diminuição dos seus índices de repetência e evasão. Desenvolve diferenciadas ações dentre as quais se destaca, neste texto, a monitoria.

De acordo com o artigo 84 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996):

Os discentes da educação superior poderão ser aproveitados em tarefas de ensino e pesquisa pelas respectivas instituições, exercendo funções de monitoria, de acordo com seu rendimento e seu plano de estudos (p. 29).

A monitoria segundo Lins (2009):

(...) é entendida como instrumento para a melhoria do ensino de graduação, através do estabelecimento de novas práticas e experiências pedagógicas que visem fortalecer a articulação entre a teoria e prática e a integração curricular em seus diferentes aspectos (p. 1).

Sua importância é destacada por Araújo e Moreira (2005). Segundo os autores:

O monitor é figura primordial para o sucesso de um curso, uma vez que personaliza a modalidade mediante o apoio organizado e sistemático que estimula e orienta o aluno que apresenta dificuldades, facilitando-lhe às situações de aprendizagem (p. 2).

Na Unisinos, uma instituição jesuíta, o monitor tem papel fundamental. Cabe referir que a figura do monitor foi criada pelos jesuítas, cuja pedagogia deu destaque à questão da atenção individual. As determinações de tal função estão descritas no documento que materializa a pedagogia jesuíta: a *Ratio Studiorum*¹ (DUSSEL e CARUSO, 2003).

De acordo com Dussel e Caruso (2003), “os jesuítas esforçavam-se para criar um método que conservasse tanto a individualidade quanto a educação de massa” (p. 78).

Considerando a importância dessas práticas, o candidato a atuar como monitor, na Unisinos, precisa ter cursado a disciplina a qual se candidata, tendo a concluído com média igual ou superior a 7,5. Esse item aponta para a necessidade de que o monitor conheça, com certo grau de clareza, os conteúdos trabalhados na referida disciplina na qual irá auxiliar outros alunos. A seleção é realizada pela Coordenação do Curso, e os monitores recebem uma bolsa-auxílio em forma de desconto em créditos (mensalidade) dos seus respectivos cursos.

Além do conhecimento, outros elementos são também requeridos no momento da seleção dos monitores a partir da compreensão do conceito de competência, veiculado na Unisinos, que integra conhecimentos, habilidades e atitudes.

Documentos da Universidade explicam o conceito:

As competências e as habilidades são inseparáveis da ação, mas exigem domínio de conhecimentos. As competências pressupõem operações mentais, capacidades para usar as habilidades, emprego de atitudes, adequadas à realização de tarefas e

¹ Abreviação para *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu*.



conhecimentos. Competências se constituem num conjunto de conhecimentos, atitudes, capacidades e aptidões que habilitam alguém para vários desempenhos da vida. Habilidades se ligam a atributos relacionados não apenas ao saber-conhecer, mas ao saber-fazer, saber-conviver e ao saber-ser (DUTRA, *et alii*, 2012, p.7).

Considerando a relevância da monitoria no processo de aprendizagem do acadêmico, a ideia da construção de um material, que sirva de apoio aos monitores, parece ser uma alternativa interessante para a qualificação constante dessas práticas.

Este texto relata a forma como é compreendida e desenvolvida a monitoria no Ensino Propulsor. Descreve, também, resultados preliminares de um estudo investigativo, de natureza quali-quantitativa, que busca construir um material de apoio para auxiliar o monitor no seu trabalho no Ensino Propulsor.

2. A MONITORIA: UM RESGATE HISTÓRICO

Há séculos a atividade de acompanhamento e auxílio de alunos, realizado por outros indivíduos além dos professores ou mestres, está presente nas universidades. Na universidade medieval já existiam os chamados repetidores (repetidores) que reproduziam, à tarde, a matéria passada pela manhã pelos mestres (ULLMANN e BOHNEN, 1994).

A partir do século XVI, as universidades eram orientadas principalmente pelo ensino jesuítico com sua *Ratio Studiorum*, que consistia em um plano educacional com o objetivo de unificar os procedimentos pedagógicos dos jesuítas durante a expansão missionária, combatendo o protestantismo. Este plano já continha ações cooperativas de ensino-educação, onde os estudantes mais avançados no currículo colaboravam com o aprendizado de outros estudantes. Conforme Frison e Moraes (2010), a prática “na época denominada de decúria, representa uma das principais raízes das ações de monitoria institucionalizada” (p. 145). O jovem decurião recitava, em todas as manhãs, a lição aos restantes dos companheiros. Durante esse tempo, o professor concluía a correção das cópias. A aula começava com um ditado, e depois o professor fazia as exposições com base num texto. De seguida, os melhores alunos faziam, para os colegas, a mesma exposição.

A partir do século XVI, período pós-descobrimento, a educação brasileira foi orientada com a presença do ensino jesuítico. Com a expulsão dos jesuítas do Brasil no século XVIII, tem-se uma ruptura com este sistema de ensino organizado. A chegada da Família Real ao Brasil, em 1808, impulsionou D. João VI a criar as Academias Militares, Escolas de Direito e Medicina, a Biblioteca Real, o Jardim Botânico e a Imprensa Régia, mas a educação não era considerada prioritária. Somente após a Proclamação da Independência do Brasil por D. Pedro I em 1822, e da primeira Constituição Brasileira de 1824, a educação tornou-se uma prioridade.

Como alternativa para a falta de professores (toda a organização de ensino brasileira por mais de 200 anos foi levada pelos jesuítas no seu processo de expulsão) ocorreu a implementação do chamado Método Lancaster, onde “um aluno treinado (decurião) ensinava um grupo de dez alunos (decúria) sob a rígida vigilância de um inspetor” (MOTTA, 2013, p. 4). Desta forma, temos novamente a presença do ensino mútuo na educação brasileira através dos decuriões. O Método Lancaster, baseado na obra de Joseph Lancaster, foi implantado oficialmente no Brasil em 15 de outubro de 1827, e resolveu em partes a falta de professores. Entretanto, a taxa de analfabetismo de 67,2% no término do período imperial mostrou o fracasso do método (FRISON e MORAES, 2010).



Somente em 1969, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, temos novamente prevista a figura do monitor, e as Universidades passam criar essa função conforme a legislação. Os alunos dos cursos de graduação que atuavam nesse papel precisavam demonstrar sua capacidade de desempenho em atividades técnico-didáticas de determinada disciplina através de provas específicas (FRISON e MORAES, 2010). A partir de 1996 a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional volta reforçar, através do artigo 84, a existência da figura do monitor.

3. O CONCEITO DE MONITORIA NO ENSINO PROPULSOR

O Ensino Propulsor constitui-se em espaço de acolhimento do acadêmico considerado a partir de suas especificidades. Nesta perspectiva, o Programa compreende a monitoria como atividade de apoio pedagógico oferecido ao aluno da Unisinos (KESSLER, 2013). A partir de ações cooperativas e solidárias, o monitor atua como mediador do processo de aprendizagem auxiliando no desenvolvimento da autonomia intelectual do aluno.

A monitoria, alinhada com as concepções do Programa, sustenta-se em perspectiva sócio interacionista, compreendendo a aprendizagem como um fenômeno que se realiza na interação com o outro, inspirando-se, portanto, na teoria de Vygotsky.

As alterações no desempenho do aluno oportunizadas pela interferência de alguém são fundamentais na teoria do pesquisador e podem ser explicada por meio do conceito de zona de desenvolvimento proximal (ZDP). Segundo Vygotsky (1991):

A ZDP é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. [...] A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário (p.97).

Trata-se, portanto, de momento extremamente importante do desenvolvimento do aluno visto que as interferências de colegas despertam vários processos internos (VYGOTSKY, 1991).

Desta forma o ambiente é constituído por mesas, que agregam os alunos por área de interesse promovendo, desta forma, além da interação aluno-monitor, a interação aluno-aluno.

Esta compreensão de aprendizagem implica em acompanhamento sistemático das práticas desenvolvidas visto que esses alunos monitores estão em processo de formação, apresentam lacunas de conhecimento. Outro aspecto que merece atenção é o fato de que muitos desses monitores não são acadêmicos de cursos de licenciatura, e, sendo assim, desconhecem os princípios da pedagogia.

4. MONITORIA: O ACOMPANHAMENTO

No Ensino Propulsor estão inseridas as seguintes áreas de conhecimento: português, matemática, física, química, estatística e informática. Cada uma delas tem um professor coordenador que acompanha o trabalho dos monitores vinculados à sua respectiva área.

Além das normas da Universidade os monitores devem ainda, submeter-se às regras do Ensino Propulsor. Este conjunto de normas está em sintonia com as concepções que



sustentam o Programa tais como: pontualidade, assiduidade, cordialidade, uso de colete e crachá, entre outros. É solicitado ao aluno que conheça, também, o material digital produzido pelo Programa para sua divulgação junto aos alunos.

Percebe-se, ao longo desses anos, que nem sempre o ótimo aluno será um ótimo monitor, fato que aponta para um determinado perfil. Além do conhecimento na área que pretende atuar o monitor precisa ser atencioso no trato com os alunos, humilde, para não inibi-los, solidário.

No Ensino Propulsor eles são orientados, em caso de dúvidas com relação aos conteúdos, a recorrer aos professores coordenadores, responsabilizando-se por enviar, posteriormente ao aluno, a referida explicação por e-mail. São orientados, também, a não fornecer respostas prontas de modo a promover participação ativa, por parte dos alunos, no processo de aprendizagem.

Temos percebido, ao longo dos anos, que os monitores estão acostumados a resolver integralmente questões para o aluno que fica apenas observando. Esta tem sido uma conduta que merece a atenção dos professores coordenadores no sentido de modificá-la, pois não traz benefícios ao acadêmico. Nessa forma de auxílio o aluno não vivencia conflitos cognitivos, obstáculos epistemológicos, não se conscientiza de suas lacunas, aspectos que impactam no desenvolvimento da autonomia intelectual.

Todos esses aspectos aliados ao fato de que, em muitos momentos, o monitor atua somente com seus pares, sem a presença física do coordenador, faz-se necessário a construção de um material que possa subsidiar sua ação pedagógica.

5. DESENHANDO O GUIA DO MONITOR DO ENSINO PROPULSOR - RESULTADOS PRELIMINARES

A ideia de construção de material que possa auxiliar o trabalho dos monitores partiu, justamente, de um monitor a partir de um processo reflexivo acerca de sua experiência no Ensino Propulsor. Tal reflexão culminou com a escolha desse tema para o seu trabalho de conclusão de curso. Trabalhando na área de Recursos Humanos sua aposta foi na construção de um manual, um guia. No seu entendimento algo prático, de fácil leitura, com informações e dicas precisas.

Há que se considerar, conforme alerta Popper (1989) que:

Ler as rotinas de um manual já é uma coisa enfadonha, e se estas forem extremamente extensas e complicadas, o indivíduo prefere pedir os necessários esclarecimentos a um colega em vez de 'enfrentar' o manual (p. 69).

Para o alcance desse objetivo pensou-se em um estudo investigativo, de cunho qualitativo, cujos sujeitos foram divididos em três grupos: alunos que atuam, ou atuaram, como monitores do Ensino Propulsor, professores da Universidade que indicam a utilização da monitoria aos seus alunos e, alunos que frequentam/frequentaram a monitoria.

A escolha dos monitores justifica-se em função do público-alvo do referido Manual. A escolha dos professores dá-se em função da possibilidade de percepção, por parte desses docentes, sobre o aprendizado dos alunos que frequentam a monitoria. A escolha dos alunos, que se utilizam dessa forma de apoio, se deve à possibilidade de percepção de mudanças no seu próprio aprendizado. Pretende-se, assim, contemplar no estudo diferentes olhares: aquele que a realiza, o monitor, aquele que a utiliza, o aluno, e aquele que pode perceber algum resultado, o professor.

5.1 Conhecendo o monitor

Como mencionado anteriormente, neste processo de construção do Guia, faz-se necessário conhecer o perfil para o qual este material se destina. Para tanto foi enviado, um formulário eletrônico, para 35 monitores que atuaram no primeiro semestre de 2013. Desse total foram obtidas 18 respostas.

No gráfico abaixo podemos ver o resultado referente da pesquisa quanto à influência da bolsa-auxílio na opção de tornar-se monitor:

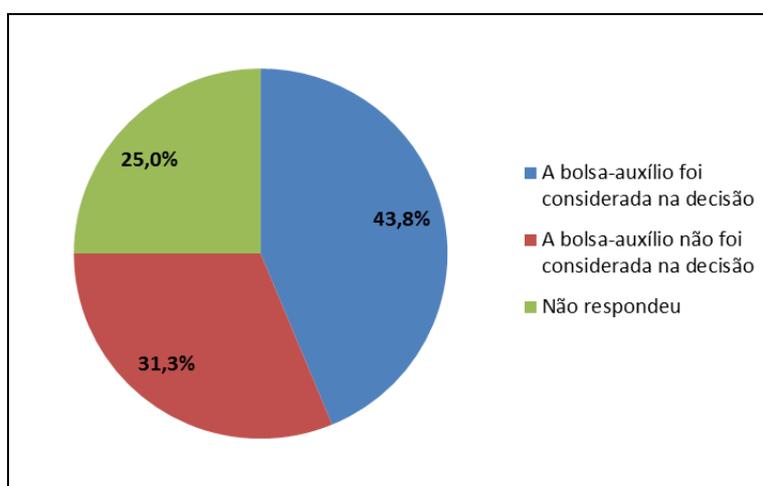


Gráfico 1: A importância da bolsa-auxílio para o monitor

Quanto ao curso dos monitores, podemos observar, pela tabela abaixo, o expressivo número de acadêmicos de engenharia.

Tabela 1 – Cursos dos monitores entrevistados

| Cursos dos monitores | Quantidade de monitores |
|-------------------------|-------------------------|
| Engenharia Elétrica | 5 |
| Engenharia de Alimentos | 2 |
| Engenharia de Produção | 2 |
| Matemática | 2 |
| Administração | 1 |
| Economia | 1 |
| Engenharia Mecânica | 1 |
| Farmácia | 1 |
| Física | 1 |
| Geologia | 1 |
| Letras | 1 |

Quanto ao fluxo curricular, a tabela 2 aponta o número de semestres concluídos.

Tabela 2 – Fluxo curricular dos monitores entrevistados

| Tempo de curso, em semestres já concluídos. | Quantidade de monitores |
|---|-------------------------|
| 1 | 3 |
| 2 | 4 |
| 3 | 3 |
| 4 | 3 |
| 5 | 1 |
| 6 | 1 |
| 7 | 1 |
| 8 | 1 |
| 12 | 1 |

Esta tabela mostra que o grupo de monitores é constituído, em sua maioria, por acadêmicos em início de curso, com poucos semestres concluídos.

Avaliando estes resultados, dois pontos chamam atenção: grande parte desses alunos não possui embasamento didático-pedagógico; grande parte dos alunos encontra-se em início de curso, não possuindo, ainda, uma formação sólida no que se refere a conhecimentos.

Associa-se a estes aspectos o fato de que os professores, que coordenam as respectivas áreas de conhecimento no Programa, não têm disponibilidade para estar com estes alunos em tempo integral.

Fica a questão: Como é possível, nestas condições, melhorar as práticas desses monitores?

Todos estes aspectos apontam, mais uma vez, para a importância de se construir um material que possa subsidiar o monitor no seu trabalho, ao qual denominaremos Manual do Monitor do Ensino Propulsor.

5.2 Aspectos a serem contemplados no Manual do Monitor do Ensino Propulsor

A análise do material coletado, até o momento realizada, permite elencar alguns aspectos a serem contemplados nesse guia. São eles:

1) Conceito de monitoria do Ensino Propulsor. É importante que o candidato se aproprie do conceito de monitoria no Programa. Cabe destacar que em determinados cursos o monitor tem outras funções, diferentes daquelas desenvolvidas no Ensino Propulsor, como por exemplo, acompanhar o professor em sala de aula.

2) Aspectos a serem desenvolvidos no Programa: Como o objetivo do Ensino Propulsor é impulsionar a aprendizagem dos alunos, a partir de ações cooperativas e solidárias, cabe enfatizar para os candidatos à monitoria, a importância do acolhimento e do respeito ao acadêmico que chega em busca de apoio.

3) Relação de confiança: A relação do monitor com o Programa sustenta-se na confiança mútua visto que não há uma vigilância constante, no que se refere ao cumprimento das



normas estabelecidas. Por exemplo, os registros de frequência são realizados, manualmente, pelo próprio monitor, que faz anotações das entradas e saídas.

4) Concepção de aprendizagem: Percebe-se que muitas das práticas dos monitores sustentam-se no modelo tradicional de aprendizagem no qual o aluno é passivo, com pouco envolvimento no processo de aprender. Esta visão de conhecimento e de aprendizagem tem como consequência a reprodução de posturas inatistas e comportamentalistas inibindo a adoção de diferentes práticas. É preciso clarificar para o monitor que o aprender implica em participação ativa do sujeito no processo.

5) Normas do Ensino Propulsor: O Programa tem regras próprias, como por exemplo, o uso de coletes e crachás.

6) Importância do processo de reflexão sobre a própria prática: A qualificação das práticas está relacionada à instauração e acompanhamento de processo reflexivo que possibilite aos monitores a problematização das suas práticas. Esta tarefa cabe aos coordenadores das diferentes áreas que integram o Programa.

Espera-se que o processo de reflexão coletivo possa possibilitar aos monitores a ressignificação de suas crenças e valores acerca dos processos de ensinar e aprender.

7) Dar voz do monitor: Faz-se necessário, também, o acolhimento por parte da equipe gestora, às sugestões advindas da monitoria. A valorização das sugestões tem sido uma constante no Ensino Propulsor. Pode-se citar a identificação das mesas, que compõem o espaço físico, por áreas de interesse; os quadros com personagens da história da matemática na parede de uma das salas; a Sessão Pipoca, momentos de atividades focadas em filmes ou palestras com temas atuais, escolhidos a partir dos interesses manifestados pelos alunos e monitores.

8) Características do bom monitor a partir do olhar do aluno.

9) Avaliação dos monitores: O *feedback* oportunizado tanto por docentes quanto discentes não somente precisa evidenciar aspectos negativos como também positivos. Trata-se de um processo de escuta envolvendo alunos que recorrem à monitoria bem como os docentes desses alunos. São os professores que, muitas vezes, percebem melhorias no desempenho dos alunos. Cabe referir que os monitores, no Ensino Propulsor, são continuamente avaliados pelos alunos por meio de pareceres inseridos em caixa de sugestões.

10) Principais dúvidas: Um local com as principais dúvidas dos alunos e sugestões de como resolvê-las, também, merece destaque neste manual. Acredita-se que a construção de um repertório de soluções, que seriam mobilizadas em situações semelhantes, pode contribuir para um trabalho mais qualificado. Seguem algumas das dúvidas mais comuns entre os monitores:

- O que devo fazer quando precisar faltar?

- O que devo fazer quando não sei responder a uma determinada questão?

- O que devo fazer quando o aluno não se envolve e quer receber tudo pronto?

Modificar a postura passiva dos acadêmicos, no processo de aprendizagem, tem sido uma dificuldade enfrentada pelos monitores, que não sabem como agir em situações nas quais os acadêmicos exigem do monitor a resolução completa das questões. Tal fato evidencia as profundas marcas que o modelo tradicional de educação ao qual, provavelmente, estes alunos foram submetidos, imprimiu em suas condutas.

- Como devo proceder quando o aluno tem problemas de visão ou audição?

Continuamente buscam auxílio no Programa alunos com baixa visão ou baixa audição.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se que o estudo investigativo, ora em andamento, possa trazer importantes contribuições de forma a dar continuidade ao processo de qualificação das monitorias no Ensino Propulsor.

Resultados provisórios apontam a necessidade de acolhimento do monitor, que tem recorrido aos seus pares em momentos de dúvidas e inseguranças.

O processo reflexivo, oportunizado pela pesquisa vem apontando que a construção do Manual de Apoio do Monitor do Ensino Propulsor implica na construção de espaços de reflexão e trocas entre os envolvidos. Aos coordenadores das áreas que integram o Programa, caberia a responsabilidade pela construção e alimentação desse ambiente, provavelmente virtual, devido à dificuldade de horários comuns entre professores e monitores.

Espera-se que o Manual do Monitor do Ensino Propulsor se constitua em importante apoio na qualificação das práticas de ensinar e aprender nos espaços da monitoria.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUTRA, S. ELIAS, C. DAL'LGNA, M.C. FABRIS, E. SARAIVA, K. DAUDT, S. KESSLER, M.C. O conceito de competência e seus desdobramentos didático-pedagógicos na Unisinos. Disponível em: <http://unisinos.br/blogs/formacao-docente/files/2013/01/Ensino-por-competencias-na-Unisinos.pdf>. Acesso em 2/06/14.

ARAÚJO, R.; MOREIRA, L. F. N. Monitoria da Disciplina de Cálculo. COBENGE 2005. Campina Grande: [s.n.]. 2005.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Brasília, 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 01 Setembro 2013.

DUSSEL, Inês; CARUSO, Marcelo. A invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de ensinar. São Paulo: Moderna, 2003.

FRISON, L. M. B.; MORAES, M. A. C. D. As práticas de Monitoria como possibilitadoras dos processos de autorregulação das aprendizagens discentes. Poíesis Pedagógica, v. 8, n. 2, p. 144-158, ago/dez 2010.

KESSLER, M. C. et al. Ensino Propulsor: Impulsionando a aprendizagem dos acadêmicos da Unisinos. Ensino Propulsor. Disponível em: <<http://www.unisinos.br/propulsor/wp-content/uploads/2011/08/Artigo2.pdf>>. Acesso em: 26 Outubro 2013.

LINS, L. F. et al. A Importância da Monitoria na Formação Acadêmica do Monitor. JEPEX 2009, 2009. Disponível em: <<http://www.eventosufrpe.com.br/jepex2009/cd/resumos/R0147-1.pdf>>. Acesso em: 05 de Outubro 2013.

MOTTA, A. D. Apontamentos sobre a Educação Superior. Antonio da Motta. Disponível em: <<http://antoniodamotta.blogs.sapo.pt/322.html>>. Acesso em: 06 Outubro 2013.

OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças de OLIVEIRA. Sistemas Organização & Métodos: uma abordagem gerencial. 13. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

POPPER, Rudolf. A elaboração de manuais na empresa. São Paulo: Pioneira, 1989.

ULLMANN, Reinhold; BOHNEN, Aloysio. A universidade - das origens à Renascença. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1994.



_____. Direitos e Deveres do Monitor. UNISINOS. Disponível em: <http://www.unisinos.br/blogs/matematica/files/2013/06/direitos_deveres_monitor.pdf>.

Acesso em: 01 outubro 2013.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. A Formação Social da Mente São Paulo: Martins Fontes, 1991.

TUNES, Elizabeth; TACCA, Maria Carmen V. R.; MARTINEZ, Albertina Mitjás. Uma crítica às teorias clássicas da aprendizagem e à sua expressão no campo educativo. Revista da Fac. de Ed. da UnB: Linhas Críticas, vol. 12, n. 22, p. 109-130, 2006.

MONITORING AS A SPACE FOR TEACHING AND LEARNING AT THE UNIVERSITY: THE CONSTRUCTION OF THE MONITOR TAB

***Abstract:** The text reports how is understood and developed the monitorial teaching thruster, a program of institutional University of Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS focused on improving the academic learning and, consequently, the minimization of repetition and dropout rates at the University. Reports, also, preliminary results of an investigative study, quality oriented, which seeks quantitative, from different perspectives, build a guidance manual that can not only assist the work of the monitors as well as qualify it.*

***Keywords:** monitoring, learning, repetition, evasion.*